

## **A PRÁTICA DE ENSINO DE GEOGRAFIA REPENSADA: RESULTADOS DE UMA INVESTIGAÇÃO EM AÇÃO APOIADA EM HISTÓRIAS DE VIDA QUILOMBOLA**

**ZENERO**, M. Patrícia Menezes- E.E.Pedro M. Cavalcanti- Piracicaba/SP

e-mail mmenezes@unimep.br

**GURGEL**, Célia Margutti do A. - PPGE UNIMEP- Piracicaba/SP

e-mail cagurgel@unimep.br

**GT:** Educação Fundamental/ no. 13

**Agência Financiadora:** Secretaria de Educação do Estado de São Paulo

### **Introdução**

Este trabalho apresenta alguns resultados de um estudo cujo foco foi o ensino de Geografia com História e histórias de vida quilombolas do Estado de São Paulo. A pesquisa envolveu alunos de 8ª série de nível fundamental de escola privada e alunos de 1ª série de nível médio de escola pública que compartilharam de uma inovação curricular para o ensino de Geografia que abordava aspectos naturais do planeta e do Brasil, e as condições do meio ambiente e das relações sociais num mundo globalizado. A partir de um novo plano de ensino de Geografia para o 1º ano de nível médio, foram adotados procedimentos da investigação em ação/IA na escola, conforme Elliott (2000), com os seguintes objetivos: i- analisar as manifestações dos alunos sobre a contribuição do ensino da Geografia com História para a compreensão da relação espaço-tempo-ambiente em um mundo globalizado com a inserção de sociedades de subsistência; ii- verificar como os alunos reagem em relação às histórias de vida oralizadas no processo de ensino-aprendizagem da Geografia; iii- identificar os elementos mais significativos das manifestações para o desenvolvimento de projetos de Educação Ambiental no ambiente escolar. Elliott (2000) diz que no processo de investigação em ação, na escola, devemos considerar que os alunos desenvolvem suas potencialidades intelectuais mediante o uso que as estruturas de ensino propiciam para construir seus conhecimentos científicos e pessoais em relação às situações da vida social. Sob este entendimento foi que as atividades educativas em sala de aula, desenvolvidas para este estudo, foram compreendidas como um projeto dirigido para facilitar o desenvolvimento da aprendizagem de cada um dos alunos que compunham a classe. Os procedimentos aplicados foram: planejamento, ação, observação, reflexão e replanejamento, em movimento contínuo. Foi inserido no novo processo de ensino-aprendizagem dados de uma realidade pouco enfatizada em textos/livros didáticos

oficiais, de uma região ocupada por remanescentes de quilombolas, cujas experiências e condições de vida se desenvolveram próximas ao Parque Petar (Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira) e o município de Iporanga, no Estado de São Paulo. Este ambiente foi utilizado como referência para o estudo em pauta, envolvendo histórias de vida comunitárias quilombolas narradas por Dona Antonia (anexo 1) e Dona Irene (anexo2)<sup>1</sup>.

## **1- O marco teórico**

Apoiada em Forquin (1993), a investigação concebeu o currículo como um campo teórico do conhecimento escolar, algo que nos precede, nos ultrapassa e nos institui enquanto sujeitos humanos, podendo receber o nome de cultura. Os ensinamentos da Geografia e História tradicionais têm sido marcados pela discussão compartimentalizada das atividades que ocorrem em um determinado espaço geográfico, impedindo que o papel do homem como agente no espaço seja valorizado na interação social com os fenômenos naturais. Os estudos, também, por vezes são descritivos levando os alunos à interiorização do conhecimento de maneira descritiva e memorizada, relegando a questão cultural a um segundo plano, padronizando o processo educativo em geral. Se a cultura é uma construção coletiva do ser humano, podemos entender que o Homem é o único ser do planeta que transforma o espaço e cria valores que, através do tempo, podem ser eliminados ou transformados, dando lugar a outras construções de valores. Giroux & Simon (1994) consideram que a cultura popular representa um importante espaço pedagógico para que sejam levantadas questões relevantes sobre os elementos que organizam a base da subjetividade e da experiência do aluno. Portanto, é necessária uma pedagogia mais comprometida com a questão da participação social, engajada com o ensinar e o aprender, com repercussões na luta contra as desigualdades existentes, colaborando na construção de um mundo mais solidário. É nesse sentido que a história oral possibilita conhecer e relatar as histórias de pessoas que construíram e vivenciaram a história real, que buscam um passado que é parte da sociedade com suas características culturais. (ALBERTI, 2004). A historicidade colabora para o resgate do ser totalizante concreto, ao contrário, de imposições culturais dominadoras e controladoras do cotidiano do sujeito, confrontando esse com outras realidades.

---

Levar os alunos à elaboração de textos através da reconstrução de histórias que realizam o levantamento de memórias coletivas, é levá-los a fatos históricos concretos, deixando de ser arquivos esquecidos da investigação de diversos contextos, segundo o interesse do pesquisador. São dados que revelam toda uma narrativa histórica que colabora para a compreensão dos acontecimentos que foram vivenciados em um outro momento, mas que podem ser reestruturados, para desvendar fatos e interpretar as histórias. A diversidade de lembranças que o indivíduo vivencia no decorrer de sua vida e também dos diferentes meios de convivência e adaptações refletirá nas memórias pessoais de cada um. (HALBWACHS, 1990). Os indivíduos são componentes de vários grupos e participam de transformações no decorrer do tempo de forma coletiva, construindo as sociedades, com seus grupos e com as mais variáveis reproduções culturais, que são marcantes na religião, no trabalho, na economia, na família, etc. Por isso, a vivência coletiva é a base da memória individual, onde os seres humanos carregam como conteúdos consistentes os pensamentos e os fatos. Von Simson (2000) considera que a sociedade contemporânea precisa resgatar suas memórias coletivas, preservando assim seus valores para o tempo presente e também para o futuro de outras gerações, que necessitarão desse trabalho para saber distinguir o valor cultural, constituído nos diversos grupos sociais de diferentes descendências dos valores impostos pelo mundo capitalista, que transforma relações em mercadorias. As civilizações remotas e outras que ainda não foram modificadas pelo mundo mundializado preservam a memória do grupo através dos relatos dos mais velhos, onde suas vivências e valores grupais se conservam. Entendemos, como Zabala (1998), que o professor e a escola têm que se preocupar com a formação integral dos alunos, pois, quando não se tem um objetivo abrangente a ser atingido no ensino, a formação fica restrita a um acúmulo de conhecimentos de almanaque, sem que o aluno participe e exercite suas potencialidades, não sabendo no futuro enfrentar as problemáticas variáveis da vida. Na sala de aula o educador deve buscar, através de práticas problematizadoras, explorar nos conteúdos os ensinamentos a serem alcançados incluindo outras capacidades a serem trabalhadas. Por muito tempo a definição do termo conteúdo ficou restrita aos ensinamentos de conceitos das disciplinas, não sendo considerados outros conteúdos desenvolvidos em sala de aula e que também proporcionam um crescimento na vida do aluno. Embora o professor diariamente se depare com uma diversidade de alunos, nem sempre ele proporciona construções e relações com o que eles já conhecem, provocando seus conhecimentos prévios. Cabe ao professor, no

período do planejamento, pontuar suas ações educativas, demarcando as flexibilidades necessárias no decorrer do ano letivo. As atividades propostas pelos educadores podem acontecer na sala de aula e no exterior da escola, como visitas em outras comunidades, visitas em museus com atividades culturais, pesquisa social, atividade ambiental, etc. O estudo do meio, por exemplo, tem sido indicado como ótima oportunidade para se trabalhar a interdisciplinaridade, confrontando diferentes realidades sociais e fazendo com que os professores, como mediadores sociais, provoquem reflexões conceituais em diálogo com as diferentes Ciências, buscando valores na formação do aluno. As escolas necessitam de normas educativas e organizativas que estabeleçam um espaço propício para este tipo de trabalho coletivo. Pérez-Gómez (1995) diz que um mundo complexo, como o atual, requer um ensino que acompanhe esta complexidade, podendo assim o aluno compreender a dinâmica que ocorre nos espaços e as inter-relações dos fenômenos sociais e naturais existentes. Portanto, a complexidade do ensino é importante para que haja uma compreensão mais ampla dos elementos que atuam no espaço geográfico. Os ensinamentos de Geografia, História, Ciências, dentre outros, poderão ser fundamentais para a compreensão do meio, se colaborarem para a transformação do ensino descritivo e compartimentalizado dos saberes, dando visibilidade para a multiculturalidade e ou diversidade cultural registradas nos diferentes espaços sociais. O estudo do meio propicia ao professor trabalhar em equipe e dialogar com a complexidade dos saberes. Estudar o meio em que se vive é uma prática primitiva do ser humano, um dos recursos audiovisuais de ensino mais antigos que se conhece, pois, data da Grécia de antes de Cristo. Mas, torna-se imprescindível que o contato prático não seja mais chamado de **excursão**, pois, o estudo do ambiente requer análises e interpretações complexas. Sabemos que a escola que investe no estudo do meio, promovendo trabalhos de campo com os alunos, poderá promover o envolvimento entre as áreas do conhecimento, estimulando um trabalho interdisciplinar, propiciando, quem sabe, uma consciência social, ambiental e noções de cidadania. Mas, será que ela se encontra preparada para desenvolver seus projetos sob um novo paradigma que não o do ecoturismo, sem grandes compromissos? São muitos os argumentos no sentido de que as práticas pedagógicas do ensino da Geografia, atualmente, devam possibilitar aos alunos novas compreensões sobre o espaço procurando discutir processos mais amplos e complexos que envolvam a sociedade e a natureza. Entende-se sob este aspecto que, para que possa haver um entendimento da base material da qual o espaço é construído, é necessário também se compreender que é nele que são estabelecidas as representações

sociais. As representações sociais ocorrem nos espaços, nas construções das paisagens e devem ser compreendidas no estudo do meio, sem ordená-las, mas estabelecendo relações (JODELET, 2001). Ciente desta complexidade de elementos foi que se desenvolveu a IA desta pesquisa, com uma postura pedagógica onde os alunos trabalharam valores e atitudes inseridos em uma sociedade contraditória e desigual. A Geografia, em sua concepção tradicional, foi marcada pela compartimentalização das atividades que ocorrem em um determinado espaço geográfico. O papel do homem como agente no espaço, sob esta abordagem, era destacado, mas sem ênfase à sua relação social com os fenômenos naturais. Cada um era abordado distintamente. Era uma proposta de ensino que estimulava a descrição das paisagens naturais e humanizadas, porém, essas não eram relacionadas. Os métodos didáticos utilizados favoreciam a memorização dos elementos que compõem as paisagens, não atentando para as relações entre espaço transformado por sociedades e suas relações desiguais e contraditórias na fabricação e ordenação de espaços. Santos (1997) considera que, com a universalização da economia, não se deve limitar a apenas um aspecto a discussão dos problemas da ocupação do espaço, pois, as variáveis que atuam nos espaços contemporâneos são abrangentes e inter-relacionadas. Os espaços são múltiplos e com características diversas, as quais são representadas nas produções econômicas, nos grupos, sociedades e culturas correspondentes, sendo registradas nas construções humanas, na materialização dos espaços geográficos que são, por sua vez, resultantes das representações sociais, em um processo histórico. A ênfase recente para o ensino da Geografia toma como referencial importante o lugar ou espaço vivido pelos sujeitos, facilitando a relação dessa realidade com outros espaços e sociedades. Para uma abordagem mais complexa e abrangente do estudo, é pertinente um trabalho interdisciplinar. Esta metodologia motiva o aluno a observar, descrever e refletir, construindo suas próprias explicações. Morin (2000) nos adverte sobre nossa educação na escola primária, onde nos ensinaram a isolar os objetos de seu meio ambiente, a separar as disciplinas. Ou seja, em vez de reconhecerem as correlações existentes, contribuíram para dissociar os problemas. Reduziram o complexo ao simples, separando o que está ligado. Enfim, eliminaram o que causa desordens ou contradições em nosso entendimento. Se articularmos o ensino da Geografia com a História, relacionando os estudos das culturas, das artes, dos artefatos, imagens, símbolos, músicas, textos, etc, esses passarão a ter significados importantes, permitindo relacionar, identificar, criticar e interpretar a diversidade cultural predominante nos diferentes espaços, promovendo

uma compreensão mais crítica e profunda de um processo de organização sociocultural e política de nossa sociedade e de outras internacionais. (Parâmetros Curriculares Nacionais, 1997). O Brasil, com tantos contrastes marcados nas suas construções, registrando o tempo, suas culturas e as diferenças do campo e cidade das regiões, das raças, enfim, uma infinidade de conhecimentos que colaboram para a multiplicidade cultural, deve ser resgatado no âmbito dos estudos da Geografia e da História fazendo emergir a problemática ambiental, que é muito abrangente e envolve questões políticas, históricas, econômicas, ecológicas, geográficas. Sob este aspecto, torna-se muito proveitoso também o diálogo da Geografia com outras Ciências que tenham o meio ambiente como preocupação. Se a atual crise ambiental está relacionada com o valor concedido ao progresso, ao desenvolvimento econômico e tecnológico, é necessário uma análise crítica do modelo consumista-economista colocado e induzido a diferentes sociedades humanas. Nesse sentido, a Educação Geográfica deve contextualizar essa situação em defesa do meio ambiente.

## **2- A investigação em ação na sala de aula**

Em 2003, vinte alunos de 8<sup>a</sup> série do ensino fundamental de uma escola privada do interior de São Paulo foram preparados e acompanhados para uma pesquisa de campo à região do Parque Petar/SP, visando colaborar com a 1<sup>a</sup> etapa deste estudo. Durante este processo eles entrevistaram duas moradoras da região (dona Antonia e dona Irene) através de um questionário semi-estruturado previamente preparado. (BOGDAN & BIKLEN, 1998). As perguntas solicitavam que elas relatassem o que o lugar representava para suas vidas; que mudanças haviam ocorrido em relação aos animais, às plantas, às construções e moradia daquele local desde que eram crianças; qual era o principal trabalho das pessoas antigamente e hoje; qual era a razão das pessoas mais antigas não saírem daquele local; se havia expectativas delas se mudarem para uma cidade grande; como avaliavam a qualidade de vida daquele lugar e como explicavam as mudanças recentes naquela região. Nesta etapa foram feitos registros em audiovisuais, gravações e fotos, e após os alunos sistematizaram os dados das entrevistas, produziram dois textos contendo as histórias relatadas por Dona Antonia e de Dona Irene. Esses textos foram aplicados na 2<sup>a</sup> etapa da pesquisa, em 2004, envolvendo alunos de nível médio de uma escola pública<sup>2</sup>.

---

### **Iniciando a Investigação em Ação**

O processo de IA envolveu simultaneamente duas séries de 1<sup>o</sup> ano de nível médio (52 alunos) e as atividades ocorreram em oito encontros (set.-dez. 2004). Os alunos foram organizados em grupos e orientados no sentido de que fariam um trabalho diferente em sala de aula relacionando Geografia com História e histórias de vida quilombolas. Foi esclarecido ainda que as dificuldades burocráticas autorizando suas participações naquele momento, ao Vale do Ribeira, não impediriam que eles desenvolvessem um bom estudo com relatos de histórias de vida para compreenderem o processo de ocupação do espaço das comunidades quilombolas dentro do contexto historiográfico do Estado de São Paulo. Leituras, mapas, vídeos, fotos, debates, explicações e articulações entre as disciplinas apoiaram as atividades. Também ficou esclarecido que eles iriam produzir, ao final, em grupos, um texto sobre os temas discutidos nas aulas, bem como uma avaliação da pertinência desta prática de ensino.

No 1<sup>o</sup> encontro os alunos das duas séries realizaram leituras de um livro paradidático<sup>3</sup> que relatava o início da formação de São Paulo e as atividades desenvolvidas pelos bandeirantes. Eles não tinham conhecimento desses fatos históricos e acharam muito interessante as dificuldades que o espaço lhes impunham, como a penetração na emaranhada mata Atlântica, o conhecimento e o domínio do espaço pelo nativo da terra, o índio, e como os sertanistas usavam as trilhas abertas por eles rumo ao interior do atual Estado de São Paulo. No 2<sup>o</sup> encontro foram analisados os textos<sup>4</sup> referentes ao ouro encontrado no Vale do Ribeira no século XVI antes mesmo de ser encontrado na atual Minas Gerais. Destacava a formação da cidade de Iporanga e seu período de ascensão na região devido ao ouro que dali era extraído pelo trabalho de escravos negros e índios e também sua estagnação após a descoberta do mineral em abundância em Minas Gerais. Discutiu-se ainda que os mangues, os charques, as várzeas e os brejos eram propícios ao cultivo desse produto e que eles encontraram no século XIX sua integração na economia escravocrata, quando o número de escravos se torna superior à população não escrava. Nesse momento as características do espaço natural com os fatos históricos, como a questão do ouro com a estrutura geológica na formação de minérios, os rios e o relevo de planície no Vale do Ribeira, como uma via de acesso para o interior desse Estado foram debatidos. No decorrer dessa aula os

---

alunos não conseguiam compreender a relação entre os fatos históricos com o espaço natural daquele período. Foi preciso, durante a aula, haver um diálogo intenso entre as Ciências, fazendo-os entender a relação da história dos lugares com as características do espaço natural, o que teria possibilitado a formação de novos espaços geográficos. No 3º encontro foram aprofundadas as leituras<sup>5</sup> que explicavam o início do café no Pará, século XVIII, e depois sua entrada no Estado de São Paulo, século XIX. Foi destacado que nas primeiras fazendas já se cogitava sobre a produção de cafés finos. As fazendas, em matéria de transporte, mantinham carretões, puxados por muares, que transportavam o café em cereja dos cafezais para os tanques de lavagem e separação, e carros de boi com rodas e eixos de madeira para o transporte do café das fazendas para o porto fluvial de embarque em Xiririca, atual Eldorado. Grandes pastagens, represas de água para movimentar as máquinas, para lavar e separar o café chocho, mercearias, duas escolas estaduais (masculina e feminina), agência postal já existiam por lá. Essa situação foi se alterando primeiro pelo deslocamento da cultura do café para a região do Vale do Paraíba e segundo pela “quebra” da Bolsa de Nova Iorque. O deslocamento do café para o Vale do Paraíba ocorrera com o grande surto de expansão das fazendas de café a partir de 1830. No 4º encontro foram analisados textos<sup>6</sup> referentes à industrialização nacional ao final do século XIX e início do século XX. Nessa aula os alunos relacionaram fatos mundiais ao desenvolvimento industrial no Brasil, como a Primeira Guerra Mundial, favorecendo a instalação de diversas unidades fabris voltadas para produção de bens de consumo não duráveis. Relacionaram a grande depressão que levou à quebra da Bolsa de Valores de Nova Iorque, em 1929, com a crise do café no Brasil, e ficaram atentos à política nacional e mudanças sociais e econômicas do governo de Getúlio Vargas. Muitos alunos relacionaram o movimento migratório com os avós, pais e parentes que vieram de outras regiões do Brasil e outros com a questão do êxodo rural. Esse momento favoreceu a reflexão sobre as mudanças ocorridas em tão curto prazo, principalmente no Estado de São Paulo, quando ocorreu a expansão de cidades. Foi também analisada a 2ª Guerra Mundial e o aumento da produção interna de produtos industrializados no Brasil. Foi explicado como o governo de Getúlio Vargas influenciou na criação de indústrias de base que gerariam a produção de máquinas e equipamentos dentro do país, dentre elas, a companhia Siderúrgica Nacional, a Companhia Vale do

---

Rio Doce, a Fábrica Nacional de Motores a criação de infra-estrutura energética (Eletrobrás e Petrobrás). No 5º encontro os alunos aprofundaram o entendimento sobre a relação da industrialização do Brasil com a globalização. Analisaram as relações de interdependência econômica entre as nações com o crescimento das trocas das mercadorias e a intensificação dos fluxos de capitais entre os diversos países que se envolveram nesse processo. Foi demonstrado como ocorreu a concentração do poder político e econômico em mãos de um pequeno número de empresas gigantescas, a suspensão das barreiras alfandegárias entre as nações e o estabelecimento da livre circulação de capitais e mercadorias. Analisaram as mudanças na legislação do comércio externo brasileiro que autorizou a livre entrada de produtos importados e de capitais de risco, como a instalação de empresas no Brasil e de capitais especulativos como as aplicações no mercado de ações. Nesta aula, ainda, os alunos relacionaram a abertura do mercado brasileiro aos produtos externos, entendendo a presença dos produtos chineses nas lojas de R\$ 1,99. Também relacionaram a globalização com o processo das privatizações de empresas nacionais e estaduais como uma exigência da globalização do grande capital.

No decorrer das aulas os alunos discutiam os temas pesquisando mapas do Estado de São Paulo e do Brasil. Através dos mapas foi possível observarem a área industrial da grande São Paulo que se expandiu para outros espaços, como a Baixada Santista, no litoral, e Campinas, no interior. O complexo viário Anchieta-Imigrantes, acompanhando o complexo viário Anhaguera-Bandeirantes. Os alunos identificaram também os pólos industriais no eixo da Via Dutra, no Vale do Paraíba e outras cidades do interior, evidenciando que isso só fora possível devido às principais rodovias construídas na segunda metade do século passado, como a Washington Luís e a Castelo Branco.

No 6º encontro os alunos elaboraram, em grupo, um texto ressignificando as leituras dos textos pesquisados procurando destacar as articulações observadas entre as disciplinas de Geografia e História na construção do espaço mais rico do país. Todos os grupos enfatizaram que a globalização deixou de ser um processo global positivo para ser um processo de exclusão. Destacaram que os espaços geográficos que estavam à margem desse desenvolvimento econômico e tecnológico, tornaram-se espaços periféricos, reconhecendo o caso do Vale do Ribeira ao sul do Estado de São Paulo. Sobre a atual economia do chá e outras atividades econômicas que substituíram a

---

mineração nos anos 70 e 80 do século passado, agora exploradas por empresas estrangeiras e nacionais, perceberam o quanto acarretam danos ambientais no alto Ribeira, tornando a atividade inviável e a população dessa área sem emprego. Foi explicado a eles que um decreto governamental de 1958 criara o Parque Estadual Turístico do Alto Ribeira-PETAR, com uma área de 35 mil hectares de Mata Atlântica, para a preservação da área. Finalmente, os alunos refletiram sobre os novos tempos da globalização com o turismo regional.

- **Finalizando o processo de Investigação em Ação**

Finalizando as atividades pedagógicas, no 7º encontro foram introduzidos os textos contendo os relatos de Dona Antonia e Dona Irene. Os alunos se organizaram em duplas, ficando livres na escolha do colega para realizar as leituras referentes às histórias de vida. Foi apresentado durante este processo um curta metragem sobre a região do Vale do Ribeira e outros locais, com destaque à questão dos descendentes afro-brasileiros. Visualizaram fotos de D.Antonia e D.Irene e seus ambientes sociais e naturais. Conheceram o arroz em casca que os moradores plantam ainda hoje e que é beneficiado em Itaóca, cidade mais próxima, procurando mostrar um pouco de suas culturas de subsistência. Nesta atividade em sala de aula, os alunos formularam várias perguntas referentes às moradoras da região à professora, cujo conhecimento sobre este local é bastante profundo. No entanto, o que mais surpreendeu aos alunos, e parece ter sido o foco de suas observações, foi a constatação da simplicidade da sobrevivência dos grupos sociais quilombolas Perguntaram, por exemplo:

*- Mas, não tem energia elétrica onde vivem? Nem fogão a gás? O que fazem a noite?*

Os alunos, nesse momento, foram esclarecidos que os quilombolas preservavam outros hábitos, por exemplo, de interagirem entre rodas de conversa. Geralmente as mulheres ficavam ao redor do fogão a lenha e os homens ficavam na sala. Um dos alunos relatou que seu pai era morador da região e nas férias ele também costumava visitar e trabalhar na roça com ele. Esse aluno trouxe fotos, onde aparecia nadando no rio, lidando com a roça e envolvido com o meio ambiente. Seus colegas de sala ficaram surpresos por este estar nadando no rio, pois, para eles, os rios que conheciam eram sujeitos como o Tietê e o rio de Piracicaba. Muitos disseram:

*- Que lugar da “hora”! Por que não mora com seu pai?*

Ele respondeu:

- *Meu pai quer que eu estude e consiga um bom emprego.*

No 8º encontro, quando foram finalizados os trabalhos através de uma avaliação realizada pelas mesmas duplas, foram focados especialmente os textos das moradoras do Vale do Ribeira, quilombos e estudos históricos relativos ao desenvolvimento espaço-temporal do Estado de São Paulo.

Dentre as perguntas formuladas na avaliação final, destacaremos neste trabalho os resultados da 4ª questão: **Qual a contribuição dos relatos de história de vida de D.Irene e D. Antonia para as aulas de Geografia desse semestre?**

### 3- Resultados e Reflexões

O critério de sistematização dos dados das questões formuladas observou a transcrição das respostas escritas de cada grupo e uma análise das manifestações.

**Pergunta 4: Qual a contribuição dos relatos de história de vida de D.Irene e Dona Antonia para as aulas de Geografia desse semestre?**

Nas respostas à esta questão, 11 alunos reconhecem a importância do conhecimento adquirido através de histórias orais que tratam da existência de outros espaços sociais e histórias de vida preservadas de outras comunidades. Por ex.: *Contribuiu para conhecer realidades espaciais diferentes, com valores sociais preservados.* Sobre compreender a existência de sociedades que estão à margem dos efeitos da globalização, 05 respostas apresentaram dados nesse sentido, esclarecendo ainda que os relatos de vida oportunizaram o conhecimento e contato com membros de sociedades excluídas do mundo moderno. Por ex.: *Contribuiu para entender as diferentes culturas com seus diferentes espaços e que a globalização mais exclui do que inclui.* Os alunos ressaltaram, em 08 respostas, que foi importante saber sobre a importância dos recursos naturais e sua preservação para a sobrevivência de outros grupos sociais. Por ex.: *Contribuiu para entender a exclusão de espaços no processo da globalização e importância em preservar os espaços naturais e culturais sociais.* Vale destacar que 01 resposta indica a aprendizagem sobre comunidades excluídas da globalização. Na resposta os alunos dizem que as pessoas que lá vivem são felizes. Por ex. *Contribuiu para entender os espaços excluídos do processo da globalização no Estado de São Paulo, mas que traz felicidade aos que lá vivem.* Apenas 01 resposta

demonstrou compreensão sobre o processo global para além do Estado de São Paulo. Por ex: *Contribuiu para conhecer histórias de vida e de espaços de vivência diferentes, juntamente com a história do nosso Estado e país.*

Vimos em Alberti (2004) que a reconstrução de histórias a partir de levantamento de memórias coletivas, torna os fatos históricos realidade, deixando de ser arquivos esquecidos da investigação de diversos contextos, segundo o interesse do pesquisador. A investigação não pode se restringir aos enquadramentos dos fatos, ao contrário, deve respeitar a diversidade de memórias para não correr o risco do domínio e manipulação das memórias resgatadas. As manifestações dos alunos sobre a contribuição da história oral para a compreensão da relação existente entre espaço-tempo-ambiente em sociedades globalizadas com sociedades de subsistência reafirmaram a importância enfatizada por Alberti (2004), apresentando indicadores desejáveis para uma aprendizagem crítica da Geografia como Ciência interdisciplinar. Os alunos reconheceram que esta abordagem de ensino os levou a um mundo até então desconhecido mas, que faz parte do mundo em que vivem. Esta resposta parece sintetizar suas manifestações: *O mundo evoluiu, muito se destruiu e ainda tem gente que vive em comunidade de modo bem diferente, sem a tecnologia, mas, com valores preservados.*

Eles reconheceram que as histórias narradas tem raízes históricas mais complexas. Por ex. *Com os relatos de vida de D.Irene e D. Antonia conseguimos informações sobre o mundo histórico, natural econômico e cultural de um espaço e verificamos as desigualdades do processo da globalização. Que a questão da preservação da natureza e da cultura é compatível a uma boa qualidade de vida, porque torna as pessoas felizes e independentes do mundo global tecnológico. Por ex. [adquirimos] conhecimento que comunidades quilombolas e de subsistência mesmo estando à margem da tecnologia e do consumo, são felizes.*

### **Finalizando...**

Os registros de avaliação apresentaram pouca consistência nos argumentos sobre aspectos da política de controle e de poder da globalização conforme estudado em aula. Os grupos enfatizaram mais os recursos da modernização, tecnologia e seus acessos, e também deram ênfase à questão da globalização e exclusão e a exclusão das pessoas do consumismo. Poucos relacionaram o tempo histórico e espaço como fator de organização das diferenças sociais entre o mundo urbano e a comunidade quilombola.

Contudo, realçaram muito a importância da cultura e da história de uma sociedade. A ênfase às condições de sobrevivência com a qualidade do meio ambiente (água limpa, natureza, ar puro, etc.) evidenciou que os alunos compreenderam as características da comunidade quilombola, seu sentido histórico e suas relações com o contexto regional, embora mais em nível estadual e menos em nível nacional. Poucos se referiram ao contexto nacional e internacional como parte desta ordem social, o que pode indicar uma visão simplificada do ensino histórico no processo de ensino-aprendizagem escolar.

Esta percepção reafirma a importância atual de um currículo CTS/ Ciência, Tecnologia e Sociedade para a educação básica brasileira (PCN, 1998 e PCNEM, 2002), possibilitando um novo modelo de educação nos diferentes níveis educacionais. O objetivo desse enfoque curricular seria a constituição de um conhecimento que favorecesse a construção de valores para uma conduta de cidadãos preocupados com os avanços das Ciências e suas tecnologias, bem como seus impactos nos espaços e sociedades. Acevedo (2002) valoriza o currículo CTS porque este pode ajudar a modificar a práxis docente em relação ao papel do professor e às estratégias de ensino-aprendizagem, adotando-se a incorporação de atitudes de responsabilidade pessoal e social na educação científica e tecnológica, e ainda a melhoria da gestão ambiental no clima da aula, tanto no âmbito afetivo como no metodológico, para alcançar um ensinamento de maior qualidade e melhores atitudes em direção à Ciência e Tecnologia. Nesse sentido a educação CTS emerge como uma proposta educativa inovadora que tem como finalidade oferecer conhecimentos (alfabetização científica e tecnológica) e uma participação cidadã com responsabilidade democrática. Sene (2003) destaca que os impulsos da Ciência e da Tecnologia contribuíram para a globalização que é verificada no tempo-espaço através dos avanços dos transportes e meios de comunicação, possibilitando o encurtamento entre as localizações espaciais, portanto, do próprio mundo.

Sobre a prática de um ensino inovador de Geografia, os alunos reagiram animadamente, como este grupo:

*Cabeças unidas (sic) pensam e refletem o conhecimento de maneira melhor, um ilumina o pensamento do outro.*

Também destacaram:

*O conhecimento ensinado dessa forma torna-se menos cansativo porque em aulas expositivas normalmente o professor é o único na sala a colaborar para o desenvolvimento do aprendizado escolar.*

Ainda sobre a experiência inovadora declararam que o que mais cansou foi a "quantidade de textos lidos e produzidos", pois liam apenas gibis e revistas. Afirmaram que gostariam de ver mais filmes sobre a região e conhecerem pessoalmente as pessoas da comunidade quilombola.

Em maio de 2005, Dona Antonia e seu marido, Sr. Oscar, fizeram uma visita à escola dos alunos, a convite da professora de Geografia. Esses, então, puderam fazer suas próprias perguntas e ampliarem seus conhecimentos.

### **Referências Bibliográficas**

ACEVEDO, J.A .D. Los futuros Profesores de Enseñanza Secundaria Ante la Sociología y la Epistemología de las Ciencias. Un Enfoque CTS. [http:// www.oei.-Programación-CTS+I-Sala](http://www.oei.-Programación-CTS+I-Sala) de lectura. 2002.

ALBERTI, V.. **Ouvir e Contar – Textos em História Oral**. SP: FGV, p.21-41.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais-História e Geografia para o Ensino Fundamental/PCN**. Secretaria do Ensino Fundamental/MEC, 1997, 1998.

BRASIL. **PCN+ ENSINO MÉDIO**. Secretaria de Educação Média e Tecnologia/MEC, 2002.

BOGDAN, R. & BIKLEN, S. **Investigação Qualitativa em Educação**. Porto/Pt.: Porto Editora, 1994.

ELLIOTT, J. **A Investigación-Acción en Educación**. Madrid: Ed. Morata, 2000.

FORQUIN, C. J. **Escola e Cultura: As Bases Sociais e Epistemológicas do Conhecimento Escolar**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993, p.10-14.

GIROUX, H.; SIMON, R. Cultura Popular e Pedagogia Crítica: A vida Cotidiana Como Base para o Conhecimento Curricular. In: SILVA, T. T. & MOREIRA, A. F. B. **Currículo, Cultura e Sociedade**. Campinas: Papirus, 1994

HALBWACHS, M. **A memória Coletiva**. São Paulo, SP: Ed. Revista dos Tribunais Ltda, 1990.

JODELET, D. (org. ) Representações Sociais, um Domínio em Expansão. In: **As Representações Sociais**. Rio de Janeiro: edUERJ, 2001, p. 17-44.

MORIN, E. **A Cabeça Bem-Feita**. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 2000

PÉREZ-GOMEZ, A .I.. La Encrucijada de Culturas. In: **Investigación en la Escuela**, n.26, 1995, p. 7-24.

SANTOS, M. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo/SP: Ed. Hucitec, 1997.

SENE, E. **Globalização e Espaço Geográfico**. São Paulo: Contexto, 2003.

VON SIMSON, O. R. M. Memória, Cultura e Poder na Sociedade do Esquecimento. In: FARIA FILHO, L.M.. **Arquivos, Fontes e Novas Tecnologias: questões para a História da Educação**, 2000, p. 66-68.

ZABALA, A.. **A Prática Educativa: Como Ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

ZENERO, M. Patrícia M. "**O mundo evoluiu, muito se destruiu e ainda tem gente que vive em comunidade de modo bem diferente, sem a tecnologia, mas, com valores preservados**" - Manifestações de alunos sobre o ensino de Geografia apoiado na história de vida de comunidades quilombolas. Faculdade de Ciências Humanas- PPGE-UNIMEP. Piracicaba/SP, 2005. (Diss. Mestrado).

### Notas de Rodapé

<sup>1</sup> Dona Antonia moradora do quilombo remanescente Cangume, e dona Irene moradora do bairro Arapongas, ambas localidades no Vale do Ribeira/ESP

<sup>2</sup> Os alunos da escola pública não realizaram a parte de campo porque o trâmite burocrático para a aprovação do projeto e autorização pela Diretoria de Ensino ao Parque PETAR não ocorreria em tempo hábil até 2004, retardando o desenvolvimento do projeto de pesquisa.

<sup>3</sup> BOULOS, A. J. Bandeirantes e índios em São Paulo de Piratininga. FTD, 1999.

4 GROppo, A; ROGADO,J.. Atas do II Encontro Regional de Ensino de Ciências, Preservação Ambiental e Qualidade de Vida, Piracicaba, 1996; Secretaria do Meio Ambiente/SEEESP. A ocupação e o povoamento do Vale do Ribeira, 1989, vol.2

5 MIRIAM & MIRIAM. Economia Agrária-Ciências Humanas e suas Tecnologias, Módulo 4, Ensino Médio, SP, Ed. Nova Geração, 2000; Miriam & Miriam. Geografia – Economia – Urbano Industrial – Ciências Humanas e suas Tecnologias, Modulo 6, Ensino Médio, SP, Ed.Nova Geração, 2001.

6 MIRIAM & MIRIAM. Geografia- Economia-Urbano–Industrial-Ciências Humanas e suas Tecnologias, Modulo 6, Ensino Médio, SP, ED Nova Geração, 2001.

## **Anexo 1**

### **Relato dona Antonia resumido**

Nascida e residente no Quilombo Cangume, 69 anos, mãe de sete filhos, 21 netos e 5 bisnetos vivos, considera o Cangume o melhor lugar para se viver. Nesse lugar as pessoas casam, tem filhos, trabalham desenvolvendo suas histórias de vida, com boas lembranças. Diz que antigamente havia muitos animais nativos como a onça, com 18 palmos de comprimento e também outros animais que ainda existem, mas são encontrados com maior dificuldades. A madeira de lei, o palmito e as frutas silvestres estão sumindo dos arredores. As casas antigamente eram construídas de pau-a-pique e telhado de sapé mas, hoje em dia, a maior parte das casas são feitas de bloco de cimento. Quando era menina, dançava em cima da plantação para as sementes penetrarem mais na terra e para soltar as cascas dos grãos. Os moradores mais antigos do lugar não querem sair do Cangume, pois já se acostumaram com a roça, desde pequenos começam a trabalhar com a plantação. Os jovens que se mudam para cidade grande vão porque não há oferta de empregos na região. O lugar é muito saudável, pois é limpo, com fartura de água e contém dois tipos de minérios.

## **Anexo 2**

### **Relato dona Irene resumido**

Dona Irene mora no Bairro das Araçongas, próximo do Petar (Parque Estadual do Alto Ribeira) e tem 60 anos. Foi para este lugar ainda menina com seus pais e irmãos, tem um filho. É solteira e faz 25 anos que mora com seu Antônio. O lugar onde mora desde menina é muito bom, pois ela pode tirar tudo que precisa da terra e a roça representa tudo em sua vida. Sente falta de alguns animais que não aparecem mais, como o macaco Bugio. Antes vinham perto de sua casa. Hoje só escuta barulho deles no alto da mata. A onça também não aparece mais. Outros animais como o veado, a raposa, cachorro do mato, gato do mato, cateto e preá (um tipo de ratão) são comuns e aparecem com mais frequências. Antigamente o palmito Jussara era farto na região, mas ultimamente quando querem fazer pastel de palmito eles têm que adentrar na mata profunda e nem sempre conseguem encontrar para extraí-lo. As moradias de Araçonga eram construídas de pau a pique e cobertas por sapé, hoje quem tem mais recursos no bairro faz casa de madeira, costaneira ou tábuas. A vida no bairro de Araçongas é saudável, pois é natural, a água é pura, vem da mina, no alto do morro, direto para casa, sem perigo de contaminação. Fazem roça de feijão, milho, mandioca, batata, abóbora e banana,

comem o que produzem. O excedente da produção é transportado no animal em cestos até a cidade mais próxima, Apiaí, onde comercializam ou trocam por outros produtos. As mudanças em Arapongas não foram grandes, uma vez que não tem energia e estrada em boas condições de transitar veículos, dificultando assim, o acesso no interior do bairro.